



TRANSBORDANDO A NECESSIDADE DE INCLUSÃO: BREVE COMPREENSÃO DO ÊXODO RURAL DE UMA TRANS A PARTIR DE UM RELATO DE CASO.

Ítalo Santana de Araújo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ramon Jose Ayres Souza, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Este trabalho objetiva problematizar um relato de caso, produzido a partir de uma proposta de atividade disciplinar vinculada ao curso de Psicologia. A partir da realização de entrevistas e da subsequente elaboração de um relato de caso, é discutida uma situação de êxodo rural durante a adolescência de uma Trans. Para isso, será utilizado o conceito de “metronormatividade”, cunhado pela teórica queer Judith Halberstam(2005), e a relação deste com a inserção da entrevistada como garota de programa na zona urbana da cidade de Santa Cruz.

Palavras-chave: gênero; trans; metronormatividade; psicologia; estudo de caso

1-INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir de uma atividade ministrada na disciplina Tópicos Especiais em Psicologia Clínica I, ministrada no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi, campus da saúde da UFRN localizado na cidade de Santa Cruz-RN, centro da mesorregião do Agreste Potiguar e microrregião da Borborema Potiguar.

A disciplina em questão objetiva proporcionar aos alunos um primeiro contato com a temática clínica, através da compreensão do método de estudo de caso.

Nesse sentido foi proposta a realização de entrevistas qualitativas feitas pelos próprios alunos com usuários da clínica escola do curso de Fisioterapia da

UFRN/FACISA, dos serviços de saúde pública da cidade de Santa Cruz-RN e participantes da ONG Aquarela e a ONG Atreva-se, que voltam sua atenção para a população LGBT do município de Santa Cruz-RN. As entrevistas tiveram como objetivo proporcionar aos alunos uma primeira experiência de escuta clínica, que logo após se transformaram em recortes de casos.

O trabalho a seguir tem como base o recorte de caso feito a partir de uma entrevista com uma mulher trans que frequenta o grupo Aquarela e a ONG Atreva-se. Ao longo do trabalho chamaremos a participante de “Lili”, em homenagem a história de vida de Lili Elbe, que em 2015 ganhou as telas de Hollywood no filme “A Garota Dinamarquesa” por ser a primeira transexual registrada a se submeter ao processo de redesignação de gênero.



O objetivo do trabalho é compreender a construção da identidade de gênero de “Lili” enquanto transexual inserida em uma situação de êxodo rural durante a adolescência. Para isso, será utilizado o conceito de “metronormatividade”, cunhado pela teórica queer Judith Halberstam(2005), e a relação deste com a inserção da mesma como garota de programa na zona urbana da cidade de Santa Cruz.

É importante levar em consideração que, segundo a ONG Transgender Europe, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, tendo entre Janeiro de 2008 e março de 2014, por exemplo, foram registradas 604 mortes de travestis e transexuais. Também é de extrema significância lembrar que, por conta da ausência de políticas públicas eficazes, boa parte das travestis e transexuais se encontram com um grau baixíssimo de alfabetização, sendo inseridas então na prostituição.

“Deus me fez mulher, mas o médico está me curando da doença do disfarce.”(A Garota Dinamarquesa, 2015)

2.RELATO

A entrevista foi iniciada com algumas perguntas gerais, tais como nome, idade e ocupação. A partir dessas respostas a conversa foi conduzida de modo mais livre e espontânea. Lili é garota de programa e mesmo trabalhando em outros locais (como vendedora, por exemplo) a prostituição é seu único emprego fixo.

No início da entrevista ela parecia um pouco desconfortável por falar tão abertamente sobre sua história de vida. No decorrer da condução ela foi se soltando um pouco mais, ficando recuada apenas em algumas perguntas específicas, como nas que foram relacionadas às relações parentais, à educação e também à saúde no que toca a

transmissão de DST's em seu trabalho como profissional do sexo.

Lili já foi casada por mais de um ano com um homem que conheceu através de outra transexual. Ela conta que seu parceiro não tinha problemas relacionados à identidade de gênero dela, não tendo vergonha de mostrar afeto em público. Quando questionada sobre religião, Lili nos relata que já morou de frente para a igreja e que, mesmo sendo uma instituição contrária a discussões de gênero, nunca se sentiu incomodada, muito pelo contrário: sentia falta de poder ir a igreja para rezar, coisa que gostava muito de fazer e que interrompeu após o processo de redesignação sexual.

Quando questionada a respeito do sofrimento sentido durante o processo de redesignação e suas implicações na relação com a família, Lili falou um pouco sobre sua infância e adolescência. Ela relatou que quando se percebeu mulher ainda morava numa comunidade rural junto com seus pais e que durante essa fase cobravam muito da mesma uma postura masculina e obediente.

Ela revelou que havia parado de estudar devido a uma briga na escola da comunidade rural em que a mesma vivia, e ainda que não sentia ânimo para voltar a estudar. Vontade ela até tinha, para conseguir quem sabe um “futuro melhor” para a sua vida, apesar de reconhecer que seria muito difícil conciliar o trabalho com a escola. Quando perguntada sobre o que achava da educação e sua importância, ela não conseguiu responder, alegando com insegurança ser algo “complicado demais”.

Lili nos relatou que aos 17 anos decidiu fazer tranças no cabelo como forma de assumir sua identidade de gênero, sendo assim ameaçada pelo próprio pai, que cortou o cabelo da mesma com uma faca. Foi nesse momento que Lili decidiu sair da zona rural, abandonando a família.



Enquanto falava sobre ter saído da zona rural por causa do pai, Lili sempre empregava uma postura ativa e carregada de empoderamento, apesar de ocasionalmente aparentar desconforto e nervosismo.

A entrevistada disse ainda que nunca havia sofrido preconceito algum por parte dos profissionais da saúde. No entanto a mesma não buscava frequentemente os serviços de prevenção, mas apenas as unidades básicas ou hospitais quando sentia-se mal. Questionamos por fim qual a sua relação com a psicologia, ela nos relatou que seu primeiro contato foi através do grupo aquarela e que nunca havia feito algum atendimento individual, mas adorava partilhar em grupo.

3-RECORTE

É interessante pensar que quando normalmente é feito um estudo sobre migração, tradicionalmente a massa migrante é pensada de forma heterossexualizada e sem distinção de gênero, que migram apenas por questões econômicas. Por esta perspectiva, a sexualidade não só não motiva a migração como não seria afetada por esta (TEIXEIRA, M.A.A. 2015 p. 25).

A partir do ponto de vista acima, considerando a história de Lili ao sair da zona rural, é inegável imaginar que um pensamento como esse foge totalmente da totalidade exercida na realidade. O que se constata é que o fato de sair da zona rural após ter sido agredida pelo pai por ter feito tranças no cabelo e ir até as zonas urbanas “em busca de uma vida digna”, acabando assim na prostituição, é mais que um processo subjetivo único: trata-se de um grito corpóreo-político por qual milhares de pessoas enquadradas na sigla LGBT passam todos os dias ao sair de casa.

“É esta luta pelo corpo que faz com que a sexualidade seja um problema político. É incompreensível, nestas condições, que a

sexualidade chamada normal, quer dizer, reprodutora da força de trabalho, com tudo o que ela supõe de rechaço das outras sexualidades e também de sujeição da mulher, pretenda mostrar-se normativa. E é também normal que, no momento político que tende à recuperação do corpo, se encontrem os movimentos pela libertação da mulher, assim como pela homossexualidade masculina ou feminina (FOUCAULT, apud CASTRO, 2009, p. 402).

É desse modo que a subjetividade de Lili emerge como uma espécie de válvula de escape, transbordando ao sair de casa sua revolta com: o sistema escolar falho ao qual passara; com o pai que nunca aceitou seu gênero e sexualidade; com a insegurança de aceitação do próprio corpo e a consequente vontade inerte de mudanças que representem a busca da feminilidade em um corpo masculino aprisionado pelos próprios medos. Segundo Marcelo Augusto de Almeida Teixeira(2015, p. 25) em seu artigo “Metronormatividade nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil”, é essa subjetividade sexual que faz com que o ato de migrar seja reconfigurado durante a trajetória do sujeito de maneira contínua, não sendo apenas a sexualidade de forma individual. Ao passo que este movimento migratório acontece, indivíduos e comunidades sexuais são formadas e inseridas nos contextos urbanos das grandes cidades. No caso de Lili, logo ao chegar à cidade de Santa Cruz foi acolhida por outras transexuais e inseridas em seu meio, convivendo em grupo a ponto de montarem a ONG Atreva-se, que propõe a discussão da valorização e atuação da saúde para travestis e transexuais no município de Santa Cruz.

De certa forma é tentador comparar esses grupos de pessoas LGBT's que migram para grandes cidades e suas formas peculiares de organização, com o ocorrido em São Francisco, que se tornou uma capital icônica



da comunidade gay e da grande revolução sexual entre as décadas de 60 e 70 no mundo ocidental. Contudo, de volta ao contexto da cidade de Santa Cruz que tem uma alta população de travestis, transexuais, homossexuais, lésbicas e afins, percebe-se uma situação totalmente contrária: apesar de existirem espaços em que pessoas LGBT's possam viver sua sexualidade, não existem locais em que essas mesmas pessoas possam se sentir à vontade para viver sua afetividade da forma desejada e plena, uma vez que locais como bares, restaurantes e lanchonetes em um cidade de interior não querem se vincular à imagem do público LGBT.

É interessante pensar que para uma trans a migração é uma habilidade nata, que emana além de um sentido de sobrevivência natural. O desejo interno de ocupar um espaço em que possa viver adequadamente as transformações do seu corpo, podendo conviver e crescer em comunidade, trabalhando como um cidadão dentro dos padrões de normatividade, cumprindo suas leis e deveres. Vejamos Lili que sai da zona rural aos 17 anos e é inserida no contexto urbano de uma cidade com menos de 50.000 habitantes, - inclusive tendo que se mudar de casa diversas vezes –stituindo-se para sobreviver.

Desta forma podemos afirmar que as sexualidades não são fixas em pontos no espaço, ou atemporais e imutáveis. Afirmarmos isso no momento em que Lili, que até então vivia em zona rural sendo tratada como um homem homossexual afeminado, se descobre e se insere, durante sua migração para zona urbana. Esse contexto, ainda que cercado de preconceitos, estigmas e limitações, consegue acolhê-la parcialmente em sua subjetividade e corporeidade, provocando assim mudanças significativas em seu modo de ser, agir e vivenciar a Lili.

Temos então uma metronormatividade que, segundo Scott Hering(2010, p. 1-29), baseia-se em seis “eixos”: 1) o “narrativo” que supõe ser a cidade um caminho de mão única para a liberdade sexual; 2) o “racial”, que se qualifica como a suposição de que cidades seriam menos racistas, mais diversas e tolerantes do que ambientes rurais; 3) o “socioeconômico”, que refere-se aos imperativos econômicos, mas também ao acesso simbólico de status que seriam conformados à construção de uma identidade homossexual urbana (e que só estariam disponíveis na grande cidade); 4) o “temporal” que diz respeito ao pressuposto de que apenas o homossexual urbanizado seria dinâmico e à frente do tempo em contraposição ao rural estagnado e/ou atrasado; 5) o “epistemológico”, ou seja, a suposição de que apenas a grande cidade forneceria status intelectual privilegiado ao homossexual urbanizado; e 6) o “estético” como uma síntese dos eixos socioeconômico, temporal e epistemológico, formando uma “estilística” da homossexualidade urbana na qual uma complexa teia de tendências estéticas, nichos socioeconômicos, preconceitos horizontais e espacialidades funcionariam mais como vetores de opressão, exclusão e normatização sobre homossexuais rurais do que de liberdade e assimilação metropolitana.

4-MÉTODO

É possível afirmar, de acordo com Galdeano, Rossi & Zago (2003) que o estudo de caso clínico enfatiza a importância à subjetividade de quem é protagonista, sendo então importante o questionamento à história de vida do sujeito. Nesse mesmo sentido, o psicanalista Juan David-Nasio compreende que o caso é um relato de uma experiência única que exprime a singularidade do ser que sofre e da fala que ele dirige. É também “a



pintura viva de um pensamento abstrato” (Nasio, 2001, p.12).

Para além do levantamento de dados, característico da pesquisa experimental, o estudo de caso remete a uma dimensão explicativa nem sempre diretamente. Assim, as perguntas do tipo “como” e “por que” conduzem onde o pesquisador a uma abordagem mais aprofundada do problema em questão (Yin, 2000).

Não se pode esquecer que o estudo de caso também é uma ficção, conforme expõe Nasio (2001, p.17): “o relato de um encontro clínico nunca é o reflexo fiel de um fato concreto, mas sua reconstituição fictícia. O exemplo nunca é o acontecimento puro, mas sempre uma história reformulada”.

Ciente disso, cabe sublinhar o caráter de criação no processo de organização das narrativas dos pacientes renais, bem como no processo de escrita do caso propriamente dito. O texto final, com todo seu poder narrativo, é elaborado para ser revisitado, colocando em cena um determinado contexto atravessado pelas dimensões biopsicossociais.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi exposto ao longo do trabalho a situação de êxodo rural abre a possibilidade de uma expressão distinta de si, uma vez que na zona urbana existe um fluxo territorial que permite uma troca subjetiva das variações de vivências dos meios em que estão inseridos os mais diversos povos e tribos, sendo assim, uma válvula de escape para a população LGBT que até hoje vive os abusos de um sociedade preconceituosa em todos os sentidos da palavra.

No caso de Lili, exposto em relato, ainda que a zona urbana ofereça maiores condições no exercício da liberdade sexual, a cidade de Santa Cruz em que a mesma se encontra, não oferece grandes possibilidades de vivência de sua subjetividade e afetividade como um todo, por ser uma cidade de interior que com pouco menos de 50 mil habitantes não oferece políticas públicas de inclusão e qualidade de vida que se mostram cada vez mais necessárias para pessoas identificadas LGBT, possibilitando apenas uma vivência marginalizada do seu ser.

Esse tipo de discussão incita uma urgência de uma maior inclusão de políticas de gênero, sexualidade e diversidade, com intuito de permitir uma aceitação cultural em termos de trânsito de subjetividade de gênero e sexual. Acima de tudo é perceptível a diferença da qualidade de vida em todos seus aspectos de locais como países, estados e cidades que promovem uma maior discussão e integração de políticas públicas para as mais diversas subjetividades encontradas

Vale ressaltar que o estudo de caso sendo um método clínico, compreende-se neste trabalho que a perspectiva clínica não visa patologizar o sujeito entrevistado, a clínica em questão alinha-se a uma perspectiva psico-social, onde o sujeito não é reduzido ao seu corpo físico-mental ou tão pouco descolado das suas relações e laços sociais. Pensar a clínica numa perspectiva social é distanciar a mesma de um paradigma médico onde os sujeitos são diagnosticados e enquadrados numa normatização de saúde e conseqüentemente de patologia, ao invés disso é necessário cada vez mais que a psicologia promova interlocução com outros saberes das ciências humanas, tais como sociologia, antropologia, filosofia, afim de compreender o processo de subjetinação para além do vetores intrapsíquicos

REFERÊNCIAS



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores (tradução Ingrid Muller Xavier). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Ferrari, A. Barbosa, J. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. Bagoas, v. 8, n. 11, 2014.

HERING, Scott. Another Country: queer anti-urbanism. Nova York: New York University Press, 2010

TEIXEIRA, M.A.A.. Metronormatividades nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. Áskesis – Revista dos Discentes do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFSCar, 2015.

GUERRA, V.A.. Do cotidiano à rua, variações do 'ser' travesti: Litoral Norte da Paraíba. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 3, p. 73-82, 2010.

A Garota Dinamarquesa. Focus Features Tom Hooper, , 2015.

GALDEANO, L. E., R., Lídia Aparecida, & ZAGO, M. M. F. (2003). Roteiro instrucional para a elaboração de um estudo de caso clínico. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 11(3), 371-375.

NASIO, J-D. Os grandes casos de psicose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

